

O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 16.

AGOSTO 15.

1856.

A GUERRA SAGRADA.

HAVENDO outr'ora os phocenses, visinhos do templo de Delphos, lavrado algumas das terras consagradas ao deus especial do mesmo templo, deus então alli adorado com cego fervor; armaram-se desde logo contra ellesos de mais povos seus convizinhos, quer fosse para de feito vingarem o deus Apollo assim ultrajado, quer fosse antes por motivos d'*animosidade* occulta, a qual então selhes antolhava de proprio desabafo.

O conselho dos amphictyões, tribunal famoso de juizes ancios, condemnou-os como sacrilegos que eram: mas elles sustentaram em publico e em particular a acção que haviam tomado, dizendo-se auctorizados a podêrem fazer uso pleno dos seus direitos, já como cidadãos livres que eram, já como até aconselhados pela bocca do oraculo.

Tomou então quasi toda a Grecia um partido aberto n'este negocio: Sparta e Athenas em seu favor; e Thebas, com outros muitos povos, a favor do templo do deus.

Os seus combates eram incarnicados e furiosos por extremo. — Os phocenses, cahidos prisioneiros dos thebanos, erão mortos cruelmente, como impios abominaveis: e os prisioneiros thebanos olhados e executados com todos os furores do direito de vingança, nos eram votados tambem á morte com menor sanha e crueldade.

Esta guerra de morte e d'extermínio, guerra que por dez annos assolára a Grecia toda, é a guerra que os historiadores hão denominado, = *guerra sagrada de preferencia á denomi-*

ver ella assumido uma cõr falsa de religião, uma cõr de furioso fanatismo, adredemente incapotado com os mais estudados atavios do zêlo do culto.

* *

LEI SINGULAR

Era costume entre os Assyrios e Babylonios, segundo o testemunho de Herodoto e de Estrabon, o prostituirem-se as mulheres uma vez, com qualquer estrangeiro que fosse, no templo da deusa Venus, a que davam alli tambem o nome de Melyta.

Esta infamia da lei dos 2 paizes, infamia tam reprehendida sempre aos Assyrios e aos Babylonios, era para Goguet, historiador muito investigador das costumeiras dos povos antigos, o resultado immediato d'uma afferradissima preocupação supersticiosa d'aquellas nações.

A deusa Venus era para com ellas uma divindade malfazeja, uma divindade inimiga da honra do sexo.

— E ellas pertendiam-na pacificar por meio d'aquelle seu sacrificio extraordinario, sacrificio reputado para isso o unico satisfatorio.

O estrangeiro, a quem acaso qualquer das mulheres se abandonava religiosamente, devia dar-lhe alguma moeda d'ouro ou de prata, dizendo-lhe então ao mesmo tempo: *Imploro a deusa Melyta em teu favor: tome te ella sempre debaixo da sua protecção.*

E certifica-nos Herodoto com especialidade, que as mulheres assyrias e babilonias, « depois de haverem assim dado satisfacção á lei », erão o mudo completo e mais acabado: e do deo da castidade conseq.

E o mesmo nos afirma também Justino, celebre escriptor da antiga Roma, á cerca das mulheres da ilha onde egualmente se achava outrora a mesma lei em vigor; assim como também se achava ella em vigor ainda na Lydia, de cujas mulheres nos afirma egualmente a mesma costumeira, e a mesma fidelidade matrimonial, o grande escriptor antigo Eliano. * *

DUAS PALAVRAS SOBRE GALLICISMOS

Gloria, gratidão e amor aos que, por si e pelos outros, procurarem repor a nossa lingua — e mais poderosa e senhoril — no throno donde rebeldias de mandriões affrontosamente a derubaram.

A. F. De Castilho.

Continuado do n.º 15.

VI.

Agora notarei aqui de passagem certa miseria em que vão cahindo alguns dos nossos escriptores de talento brilhante pela maior parte, que desse modo deslustrando a sua reputação litteraria, fazem tambem não leve danno á litteratura nacional. Esta miseria a que me refiro, que tem certo parentesco com o gongorismo d'outros tempos, pertence mais particularmente ao estylo; mas notal-a-hei por lhe ser applicavel em parte o remedio aconselhado no artigo seguinte; e porque não deixa ella de ter mais ou menos sua origem na leitura d'alguns modernos livros francezes. De resto, ninguem deixará de me desculpar, attendendo a que o meu fim principal é ser util, o mais possivel, a jovens estudantes novatos no estudo das letras e faltos de quem os aconselhe nestas materias.

Os nossos bons auctores tem no seu modo de dizer uma certa compostura que encanta, uma gravidade desaffectedada, uma eloquencia espontanea que passa da singelleza do epologo á sublimidade do discurso mais levantado sem inchação, sem perder o decoro e a modesta e despertenciosa naturalidade que serve de base a todas as bellezas e ornatos do es-

tylo. Como interessa e encanta a doce prosa de fr. Luiz de Soisa, tão estudada e ao mesmo tempo tão limpa de affectação, tão natural e tão seguida! E Araes como é cheio de bellos e delicados conceitos, expressos em elegante linguagem! E Heitor Pinto, Lobo e tantos outros, o que não deleitam com a sua dulcissima prosa, para não fallar, já agora, nos nossos grandes poetas, que sobre quasi todos os assumptos nos deixaram excellentes modelos!

Os castos adornos porem e delicadas elegancias, que aformosentam os escriptos de nossos bons auctores, antigos e modernos (porque tambem os ha modernos, por graça de Deus,) substituem nos alguns contemporaneos por estragados arrebiques e enfeites de furta-cores. Tão ignorantes como presumposos taes escriptores julgam que com a leitura de algumas paginas de florilegio, com alguns palavrões dos que a vaidade do seculo ha consagrado, e com a sua imaginação viva e brilhante, podem sublimar-se acima de todos os velhos auctores dos seculos passados, e até delles fazer escarneo ou chacota publica. Levados d'um enthusiasmo verdadeiramente comico, é de ver como se desfazem em phrases estrondosas, em methaphoras d'um atrevimento extravagante, em conceitos inintelligiveis e ridiculos. Perguntai-lhes o que querem dizer: ve'los-heis muitas vezes embaraçados, sem poder deslinhar o sentido dos seus aranzeis, responder-vos com uma nova enfiada de dilates. Na verdade, tem-se porahi escripto periodos, que eu apostaria o mundo inteiro com os seus auctores se me declarassem bem o seu sentido. Mas o que importa a prespicuidade das ideias, a exactidão dos juizes, a deducção dos raciocinios, o que importa, para dizer tudo d'uma vez, o que importa o senso commum, o mais velho de todos os ramos? O que se quer é compor palavrões que atroem os ouvidos, emittir expressões guindadas que embasbaquem os papalvos, mostrar ideias singulares que despertem a admiração, emfim attingir um estylo bombastico e empolado, uma linguagem oracular, ou de pythoussa, que nada se parece com o fallar claro e natural dos antigos!

D'ahi as antitheses forçadas, as elegancias postizas, o calor assoprado, e todos esses europeis ridiculos e pretensões inqualificaveis, que se notam n'alguns escriptos de nossos dias e sobretudo n'alguns folhetins.

E' esta a miseria de que queria fallar; não se pode por emquanto dizer, Deus louvado, que seja defeito predominante na contemporanea litteratura ou nos seus principaes sacerdotes como Castilho, Rebello da Silva e os mais que todos conhecemos e respeitamos; porém, basta que se dê n'um ou n'outro litterato para já não ser fóra de prudencia gritar-se o alerta, sobre tudo, para prevenir (como aqui me acontece) jovens inexperientes, que mal sabem distinguir o pinchebeque do curo juro que tem os quilates da lei. Desculpe se-me pois o atrevimento da observação em respeito á sinceridade do zelo; e os jovens estudantes, a quem me dirijo, recebam como epiphonema desta digressão a seguinte maxima que eu reputo de primeira importancia. *O peor escriptor é aquelle que só tem em vista arredondar periodos e compôr um carrilhão de palavras aliiscnantes*

MEDITAÇÕES.

VI.

A CRUZ.

Depois que a culpa do primeiro homem abriu no mundo o caminho ao erro, bem de pressa o vicio, as paixões tomaram um notavel incremento, porque os filhos dos homens foram mais numerosos do que os filhos de Deus.

O diluvio foi um castigo; mas não uma lieção; porque os homens não se emendaram, e logo depois d'elle vemos a idolatria erguer a cabeça triumphante nas plagas do Oriente.

Nino ordenára por um edicto que a estatua de seu pae Belo fosse adorada: d'ahi os reis, os guerreiros, e todos aquelles que se distinguiam, ou por seu genio ou por seus crimes, principiarão a receber honras divinas depois da sua morte!

A Grecia, a culta Grecia, querendo dar-se uma origem divina, passando a sua mente escaudada pelas regiões do ideal, arrastada por esse sentimento estetico, que a caracterisara, creou uma infinidade de deuses.

Veio depois Roma com as suas apothooses, erguendo ten ples sem conta, creando novos deu-

ses, importando os dos povos vencidos, e o numero das divindades tornou-se tão numerozo como as areas no oceano.

Não eram só as virtudes que recebiam culto; os vicios os mais hediondos, paixões as mais serdidadas tinham templos e honras divinas!!

Toda a natureza estava divinizada!

Nem mesmo o povo escolhido escapou ao contagio: Baal e outros idolos tiveram os seus adoradores.

Comtudo era este o unico povo aonde o conhecimento d'um Deus verdadeiro se não tinha de todo apagado.

Excepto elle, desde o oriente ao occaso, desde o septentrião ao meio dia, todos os povos professavam o paganismo mais ou menos grosseiro.

Era assim que as trevas do erro tinham cuberto toda a face da terra!

Estava, porém, chegada a epocha da luz; proximo o triumpho da verdade.

No cimo do calvario desenrolava-se o estandarte da cruz, e da base dessa cruz partiam doze homens a ensinar ao mundo uma doutrina que elles tinham ouvido da propria bocca do Christo, e que o Divino Mestre lhe havia ensinado, para que elles a fossem depois ensinar ás nações.

Estes homens, certos de que Deus havia de ser com elles, como lhes tinha promettido, partiram denodados com a certeza do triumpho, a pregar uma doutrina que ia de encontro ás ideas dominantes, aos interesses dos senhores do mundo.

A sua voz em breve se fez ouvir por todos os angulos da terra, e os povos, absortos e emavilhados, correram a attendel-os.

Escutaram-nos, e a verdade patenteou-se-lhes clara; escutaram-nos, e a persuasão e a creença insinuou-se-lhes rapida; escutaram-nos e pediram-lhes a regeneração nas aguas do baptismo!

Foi em vão que os sectarios do paganismo pertenderam com ameaças reduzil-os ao silencio, porque elles não temiam as ameaças da terra, confiados na protecção do céu; não temiam a morte como o provaram dando a vida pelo Christo.

O mesmo principe dos Apostolos foi um dos primeiros martyres.

Estes homens seriam porventura philosophos como quizeram os neo-platonistas que viessem ensinar ao mundo um systema de philosophia tirado das doutrinas do discipulo divino do grande Socrates?

Não: estes homens pertenciam ás classes mais baixas da sociedade, eram rudes e ignorantes, e estavam occupados nos seus misteres, quando o Divino Mestre os foi buscar para seus discipulos.

Seria necessario primeiro que doze homens combinassem as suas ideas para formarem

um systema quando as opiniões dos homens, são tão diversas; depois que esses homens fossem loucos para ir arrostar sem protecção alguma contra o poder dos senhores do mundo, cujos interesses as suas doutrinas atacavam; e de que esses homens, separando-se para irem pregar a doutrina do Crucificado, fossem buscar uma morte inevitavel sem esperança de gloria, morrendo por uma doutrina então aborrecida e desprezada, cujos crentes eram tidos como inimigos do imperio, provocadores da ira dos deuses, causa finalmente de todos os males que opprimiam a humanidade!

Se o Christianismo fosse obra dos homens, os seus progressos não seriam tão rapidos e duraduros.

Se esta nova doutrina fosse meramente especulativa, diz Bonnet, seria facil perceber a possibilidade de ella ganhar a estima e ate a admiração de alguns povos; porque, em fim, no homem ha certo gosto natural para a perfeição, e ainda que nem sempre a segue, sempre a ama, ao menos na especulação; e n'este caso olharia a nova doutrina como uma seita de philosophia, e os seus professos como sabios d'uma ordem distincta.

Mas a nova doutrina não consiste em puras especulações, é toda pratica, e no mais rigoroso sentido: é o genero mais sublime do heroismo pratico.

Elle requer do homem, que se negue a si mesmo, combate todos os appetites, reprehende todos os desejos, não deixa ao coração mais do que o amor de Deus e do proximo, exige sacrificios continuos e sacrificios grandes, e as recompensas que promette, os olhos não podem vê-las; nem as mãos, tocá-las.

Todos os systemas de philosophia partilham mais ou menos dos prejuizos dos tempos; resentiram-se das ideas dominantes, e ou se fundaram nos systemas anteriores, ou, se os combateram, não foram contudo inteiramente alheios ás doutrinas admittidas.

Os philosophos que os crearam eram homens, a sciencia que possuíam tinham-na bebido nas escolas, tanto bastava para elles se submeterem, mais ou menos, á influencia das doutrinas recebidas, das paixões, da educação, dos costumes, da inclinação para o maravilhoso, que tanto dominou entre os antigos, e finalmente, d'essa imaginação desvariada e extravagante, que arrebatou tantos philosophos, e que produziu muitos systemas d'uma excentricidade bizarra, que a antiguidade nos transmitira.

(Continúa.)

○ ESTUDANTE.

UMA COUSA QUE PARECE ROMANCE.

VI.

(Continuado do n.º 14.)

As ferias passaram rapidas, como um so-

nho pouco edificante no dormir paeido d'um justo.

As aulas abriram-se, e os compendios de logica, esperavam avidos o nosso heroe, para o iniciarem nos mysterios da arte de cogitar.

Infeliz Manoelzinho! nunca tu viessees perflar-te nas fleiras dos logicos. Antes os fadostes mudasses em *fauno* ou *satyro*, por que eu (tã) passarias prasenteira a tua vida, passeando manço e manço pelos espêcos bosques da tua aldeia, saboreando a roboluda lande, que a carvalheira secular te offerlasse, e admirando os acarapaçados cogumelos, que áirosos te sorririam por de traz das mentas do feno. — Recebe esta piedosa apostrophe, que de todo o coração te consagro.

Bem foi ao filho d'Ignacio, em quanto o não obrigaram a provar com palavras a existencia de Deus. — Quantas vezes, n'um extasis fervoroso, n'um arrobamento de crenças, entregou o senhor Silva ás paredes negras do seu quarto, estas palavras que o coração lhe inspirara « O compendio, quer brincar comigo! Tantas folhas, tantos *argumentos*, para provar uma cousa que eu sei desde que balbuciei a primeira palavra! O ceu, a terra e a minha propria consciencia, em fim, tudo não me dizem tacitamente, que existe alguém que pode tudo! ? O ceu e a terra não me mandam fazer *raciocínios*. Ha que *seculos*, não sei eu que tenho alma, e que conforme se portar neste mundo, assim Deus no outro a julgará? ! Aborrece-me, e faz-me mal decorar tantas palavras para no fim ficar sabendo, o que já lá na minha aldeia sabia, »

O estudante fallava a linguagem da verdade. Penso, que a philosophia inspirada pelo coração, expande-se assim. Era feliz, por que cria em Deus, por este instincto que nasce junto com o homem, e morre com elle, se o homem morre *estupido*. Mal se lembrava elle, que os *sabios* viriam um dia ensinar-lhe uma demonstração, para em resultado provar a — *existencia de Deus, e a immortalidade da alma!* Tantos mil volumes para provar estas verdades intuitivas, fazem invejar a paciencia e a santa ociosidade de seus authores. O sabio lá d'outros tempos, arrobava-se na contemplação das sciencias macias, e offercia ás estantes d'uma bibliotheca vinte *in folios*, que nós hoje admiramos pelo tamanho, e trememos de tocar. Pois, se lhe espivitavam a sua philosophia com algum discurso paradoxal sobre — a *alma e suas faculdades*, — ai, nossa senhora, vinha a terra toda a sciencia, espremiam-se todos os textos, e a final concluia-se que o disparate, era um disparate. O homem d'hoje, se não é tam sabio, descobriu pelo menos um acoite mais fustigante do que os bacamartes *in folio*, escriptos sempre em papel pardo: tem um sorriso de compaixão, que vale o mesmo, que — coitado tenho dó de ti — Que venha agora ao mundo algum *Maniqueu* desfarçado, di-

ver-nos que temos duas almas; ou algum *Cri-
stias*, depois d'estiradas locubrações alquímicas,
descrever uma alma de sangue; ou *Diogenes*,
com a sua *d'ar puro*; ou *Empedocles*, com a
sua composta dos quatro elementos, e *Heraclito*
com a sua de vapor, que nós cá os esperamos
com os labios engatilhados para nos sorrir-nos.
Desculpem as amáveis leitoras, dar-lhes es-
tas linhas que, por felicidade sua não inten-
dem, (nem eu) e tenhamos todos compaixão
d'estes pobres diabos, que já estão no inferno
ha muitos seculos, praguejando de si e da
sciencia.

Nos fins do mez de janeiro, ja Manoel
da Silva, perdera não só o anno, porem os
compendios e não sei mesmo se a memoria de
os ter lido. Pois, seja dito em abono da ver-
dade, o apontador das faltas a ninguem ba-
rateava mais a sua influencia que tinha sobre
aquelle terrivel cadinho onde se deposita a fre-
quencia do estudante, como a elle. O estu-
dante cahira, e nem sequer uma vez se lembrou
de pedir a mão d'um amigo que o levantasse
da queda. Organização privilegiada, devia o-
lhar d'esgar ninbarias d'esta ordem; mesmo
porque a pagina mais brilhante do estudante
vadio, principia sempre por ser riscado das
aulas.

Manoel da Silva, livre como o vôo da
andorinha, (em estylo magnetizador) e com o
dinheiro bastante para em Braga se poder ser
vadio, levava vida que faria inveja ao chan-
tre mais commodista.

Maniaco por musica, como um porco de
boa raça, conseguiu, depois d'atormentar os
ouvidos a toda a pacifica vizinhança, arran-
car a uma rabelde rabeça, uns guinchos arri-
piadores, que um mestre barbeiro lhe ensinara
de baixo do titulo pomposo de *marcha funebre*.
Eu, tambem, ja uma vez me lembrei d'apren-
der este instrumento, porem desisti, movido por
valentes empenhos do meu proximo, que me
dizia — sentir umas guinadas... quando eu
desferia com arrogancia a escala, que era mes-
mo um inferno.

O entretenimento do estudante, quando pre-
enchesse o fim para que seu pae o mandou
para Braga, passaria por licito e honesto: se-
ria uma tregua proveitosa entre o livro e a
cabeça: seria um levantado marco que lhe pro-
hibisse o salto para o trilho da corrupção. A
musica faz adormecer as dores da materia, e
alliviar as do espirito. Muitos dos homens que
o mundo admira e venera como sabios, viu-
os a antiguidade pulsar seus instrumentos fa-
voritos. Quantos d'elles depois de velhos não
aprenderam musica? Temistocles foi despresa-
do na Grecia, por não saber dedilhar uma
lyra; Socrates, aquelle que só lhe custava atur-
rar a mulher, coitadinho, ja depois de velho
aprendeu a pulsar-a. E estes eram profanos, mas
dos divinos sabemos nós tambem, que Saul
quando era acommettido pelos accessos, a que

hoje se chamaria — *exaltação do systema nervoso*,
sentia-se bem, logo que David dedilhasse a
sua harpa d'ouro. Pythagoras, Desault e o
ratão do doutor Galeno o medico da senhora
D. Anna, (estes não são divinos, entendamo-
nos bem) quantas molestias não curavam com
a musica? — Adiante: juro pela sensaboria
do que escrevo, que jamais porei no papel
d'estes periodos algaravios. Tende paciencia,
e desculpai-me, ja que me conheço.

Agora, os meus leitores façam-me a fa-
cisa de correr uma cortina, por cima destas co-
lumnas, e tratem da sua vida por espaço
de dezoito mezes, sem s'importarem com a
do proximo e venham depois, saber a historia
do estudante, seguidinha como uma meada
de linho gallego.

VII.

— Então, senhora D. Amelia, v. ex.^a não
tem sentido nesta praia, algumas melhoras,
não se sente mais animada? . . .

— A soffrer? sinto, sinto.

— Sempre tam melancholica, minha se-
nhora!

— Que quer, senhor Silva? Quem pode
fugir á influencia da sua estrellita? A minha foi
assim.

— Esta onda, beijando languida a areia,
como dando-lhe o derradeiro adeus, não lhe
falla ao coração d'uma esperanza?

— Não é a onda que m'o diz: — é a al-
ma já gasta de soffrimentos. Ah! senhor Silva,
as doenças do espirito, sentem-se muito, po-
rem são incuraveis. Mais alguns dias... e de-
pois realisar-se-ha essa esperanza. A morte para
os infelizes, é o primeiro elo que se prende
á cadeia da felicidade. Anhele-a. . .

— Com a resignação de martyr. . .

— Não diga assim, senhor Silva. Quise-
ra essa valorosa resignação, porem não é ma-
is que um mero indifferentissimo da vida. . .

— Não tem v. ex.^a uma unica esperanza
cá na terra? Tam joven ainda. . .

— Mas ja envelhecida no soffrer. A mi-
nha esperanza, ja lhe disse qual era.

Permitta juntar-me á minha familia, por
que preciso recolher-me; esta aragem que vem
do mar, acho-a fria de mais e provoca-me
uma tosse violenta.

— Maito boa noute, senhora D. Amelia.
Oxalá, que amanhã, ja v. ex.^a assim não pen-
se. . .

— Oxalá. . . porque então colhia a ultima
esperança! . . .

D. Amelia, reuniu se a um grupo de pes-
soas, sentadas a pouca distancia sobre um pe-
nedo. Era a sua familia. Manoel da Silva, fi-
cara no mesmo logar, estendendo a vista pelo
mar, que vinha arrogante partir-se nos roche-
dos da praia.

E agora? querem provavelmente as meni,

nas, que lhes diga se a senhora D. Amelia era formosa. Eu mesmo tive esse desejo, porem era ás oito horas d'uma noute de novembro, e não me foi possível satisfazer a minha innocente curiosidade.

Porem a imaginação suppre o resto. Amelia, devia forçosamente ser bella. A mulher feia e horrenda não pensa como ella, se chora, calla-se logo: tem sempre muitas esperanças... d'um dia ser encantadora. Amelia, devia por força ter cabellos negros como o ebano: olhos da côr da noute: faces pallidas como um raio da lua: labios descorados, e um quebrado de cintura, como o oscilar da camelia nas pontas da roseira. A respeito de elegancia, não digo nada: mas quem como ella, era melancolica como um cemiterio, devia ser esguia como um cipreste: aqui não ha lindeza de pbraze. Eu ainda não, vi um *bom* estopido, que não seja obeso como uma Lolla de bilhar. Desculpen-me se sou exagerado: a excepção é a belleza da regra.

Passados poucos instantes toda a familia a que se reunira Amelia, levantou-se e tomou caminho para casa. Amelia, ainda em antes de ter passado todo o grande areal, tossia com uma força, que devia ser superior á sua debil organisação: parecia estalar um por um todos os tecidos do peito. Sube depóis que os tísicos tossiam assim.

Mas por que tabella chegou Manoel da Silva, o filho d'Ignacio Lumieira, o *piplet* de Domingos Fiusa, a consolar uma senhora de excellencia, e que queria morrer sem ninguem valer? Se não fôra elle mesmo, não sei como desdar-lhes este nó mysterioso.

O filho de Benta da Maternidade, pedindo á sua consciencia a historia de desoito mezes, contava-a ao mar e ás estrellas. Subiu ao picaro d'um rochedo elevado, e soltou estas palavras enigmaticas.

« Quando commetti o primeiro crime, tive remorsos horribeis. Não comprehendia como o homem podesse envilherer no crime e caminhar sempre no rasto da infamia. Hoje conheço por experiencia esta possibilidade. Depois da minha primeira falsificação, julguei-me immediatamente n'um plaino d'Africa; mas hoje não. Apadrinhado por homeus que gozam no mundo da respeitabilidade de santos, não será facil mandar-me tomar ares, lá para as — pedras negras.

Chamavam piéguices de creança ás minhas honradas reflexões de desoito annos. Era novo, e obedei aos que me apontavam com dinheiro e vadiice. Cedi como o vime, e amoldaram-me ao que lhes pareceu. Ensinaram-me até o modo como devia illudir a minha pobre familia!

Meus paes julgaram a minha vinda para o Porto, como uma felicidade palpitante! infelizes! a sua credulidade proporcionou-me a minha ruina. Hoje não é possível achar

uma vez só para traz; não me converterão em sal, mas talvez n'um cadaver. Retirar-me sem que elles o quisessem inportaria uma bala de chumbo; e eu ainda não estou tam farto de viver, e tam descrente como essa innocente filla d'um meu companheiro, que possa a sangue frio, perdoar aos meus assassinos. Mais algum mez, e esta vida tornar-se-ha placida, como este murmuro da onda enfraquecida.

Desceu o rochedo, e levou o mesmo caminho, que a familia d'Amelia levava.

Ai, Manoel da Silva, quem te viu pendurado no cação de teu vizinho, e quem te vê hoje *negligentemente* embuçado n'uma manta — chaile!!

(Continúa.)

Fernando Castiço.

O EXILADO.

O fortunati' e ciascuno era certo
Della sepoltura, dancor nullo
Era, per Francia, talamo deserto.
Dante, Parad. XV.

Que terra é esta, d'espinhos cheia?
Que alta montanha s'eleva alem?
Que mar é este, que tão medonho
D'encontro á praia quebrar-se vem?

E' por ventura essa terra amiga
Onde eu a infancia feliz passei?
Que tinha incantos, tinha delicias,
Bellezas tantas que eu já gosei?

Mas que é dos valles que tão risinhos
Eram nas tardes ao pôr do sol?
Que é desses cantos de tanto enleio,
Os doces cantos do rouxinol?

Nada aqui vejo, nada aqui sinto,
Nada que patria me diga aqui...
Acaso a terra onde vivo agora
Não foi aquella onde eu nasci?

Não foi... a patria não tinha abrolhos,
Campos incultos qu'eu vejo alem:
Aqui é terra que os desgraçados
Somente habitam e mais ninguem.

Inda me lembra que eu tambem tinha
Mulher e filhos que tanto amei;

E um pae sempre terno e estremo
Fôra comigo té que o deixei.

Porem agora pobre exilado
Já nada tenho, tudo lá vai;
Nem tenho um pai a chamar-me filho!
Nem tenho um filho que me chame pai!

Eu tive fome, negro flagello,
Luctei com ella não succumbi...
Nem mesmo ainda quando a opulencia
Cheia de fausto passar eu vi....

Mas quando um filho que mal falava,
Veio com fome pedir-me pão,
Então não pude que á voz d'um filho
Não se resiste... luta-se em vão!...

E era noite... noite medonha...
Quando eu sosinho aguardava alguém...
A' luz do raio lá vejo um vulto...
Ninguem o segue.... já perto vem...

N'aquelle instante tremi do crime...
Meu Deos, perdoa; que eu quiz fugir;
Mas tinha um pai, tinha esposa e filhos,
Que o pão me vinham todos pedir!!

El-o que chega.... sibila o vento...
Trovão medonho rugiu no céu.
Já era tarde que mil remorsos
Vinham dizer-me que eu era réo.

E logo a austera voz da justiça
Senti que vinha por mim chamar;
Era á presença d'aquelle austero
Juiz que tinha de me julgar!!

A esposa minha, banhada em pranto,
Os ternos filhos chegando a si,
Um velho afflicto por mim rogando
Era a defesa que eu tinha alli!

Porem aquelle que a lei applica
D'um pai os rogos não escutou:
Sem dar ouvidos á voz — piedade!
Lavrou sentença que condemnou....

.....
D'esses que cêrca vasta opulencia
Cheios de culpas quantos eu sei,

Que da justiça riem d'escarneo
Com vil desprezo calcando a lei!!

Mas eu, que tive sempre a miseria,
Vivo exilado nesta solidão,
Longe da patria, da esposa e filhos,
Longe de todos, chorando em vão!!
.....

E tu, das trevas rainha,
Que tantas vezes eu vi,
Out'ora, na patria minha,
N'essa terra onde eu nasci,
Tu, que, transpondo as collinas,
Vinhas reinar nas campinas,
Cheia de graça e fulgor,
Cercada d'astros brilhantes,
Que te diziam constantes
Meigas palavras d'amor,

O' Lua, quando passares
Na linda terra das flores,
Por esses bellos logares
Das meus primeiros amores,
Dize, dize, que me viste
No desterro, sempre triste,
Por elles sempre a chorar;
Que me viste desgraçado,
Agora aqui exilado,
Na terra do meu penar.

O' lua se a minha esposa
Que lá na patria deixei,
Se a vires sempre chorosa
Pela dôr que lhe leguei,
Dize-lhe por lenitivo
Do seu soffrer afflicto,
Que n'estas praias d'aquem
Não ha de nunca esquecer-a
Quem soube soffrer por ella,
Amal-a como ninguem!

Se vires tambem curvado
Um velho soltando um ai,
A chamar-se desgraçado,
Um pobre velho-meu pai;
Se o vires sempre chorando,
Junto do peito chegando
Seus notos, filhinhos meus,
A todos, lua formosa,
Aos filhos, ao pai, á esposa,

Dá-lhe o meu ultimo adeus!
 Que ao desgraçado que vive agora
 Longe da terra que o vio nascer;
 Resta-lhe a crença d'achar na campa
 Remedio á causa do seu soffrer!!

Almeida Braga.

Explicação das charadas do n.º antecedente

==COSMORAMA.==

==DESGRAÇA.==

CHARADAS.

1 { Humma briesa nação
 De mim o nome tômon;
 No cimo de suas armas
 Por timbre me collocou.

2 { Esse rei dos animaes,
 Esse leão valeroso,
 Quando comigo depára
 Trémô, dizem, de medroso!

1 { Tem-me todo o animal:
 Teem-me os homens, té os lustos,
 Teem-me as fructas e as plantas,
 Teem-me as flôres e os arbustos;

1 { E tendo diversas formas,
 Té ás vezes d'agua sou;
 Mas aquelle a quem falhar,
 Pode dizer se ==mancou==

CONCEITO.

Quasi que sou tdo veloz,
 Como a vista como o vento,
 Como a balo como o raio,
 Como o proprio pensamento.

E quando pelos sarans,
 Afigurar me apresento,
 Faço andar as pobres damas
 Em continuo movimento.

A. P. d' Araujo

1 { Principio em mim recebe a transcendente
 Invenção da Phenicia reputada,
 Que do phenicio povo transportada
 Foi pelo iru ão d'Europa á hellena gente:

1 { Pelos homens posposta geralmente
 A' dignidade sou pouco elevada,
 Té ás vezes a um nome accrescentada
 Dou-lhe um outro sentido bem dif'rente:

CONCEITO.

Por minha causa outr'ora destruida
 Foi do dardanio heroe a patria cara
 Pela offensa do Grego recbida,

Que, depois que dez annos a cercara,
 No laço que lhe armou vindo-a cabida,
 Nem um só momento lhe deixara!...

Almeida Braga

EXPEDIENTE.

Rogamos aos snrs assignantes de fóra da cidade, que se acham em debito a esta redacção, tenham a bondade de mandar satisfazer, pelo seguro do correio, ou por onde melhor lhes convenha.

E n'aquellas terras onde temos correspondentes esperamos se dirijam a elles.

Aquelles, dos snrs assignantes que não fizerem declarar a esta redacção, que deixam de ser assignantes do *Murmurio*, continuarão a ser, considerados com taes.

A redacção, para não deixar de trazer as suas contas regularizadas em dia, por isso é que se vê forçada a fazer esta declaração aos seus illustres assignantes.